

CRISE NAS ESCOLAS

DF Educação

ERIKA KLINGL

DA EQUIPE DO CORREIO

No papel, os alunos do Colégio Estadual do Novo Gama (Ceng) assistem a aula diariamente entre as 7h30 e as 11h40. No papel, há professores para todas as disciplinas, todos os estudantes têm material didático e aprendem sobre cinco diferentes matérias a cada dia. Mas a realidade é outra entre as quatro paredes das salas de aula de uma das maiores escolas da cidade goiana, localizada no entorno do Distrito Federal. No dia em que a reportagem do Correio esteve lá, o 1º ano do ensino médio não teve o segundo horário de aulas. O primeiro também não. No dia anterior, foi a mesma coisa. E, dois dias antes, eles foram para a escola mas nenhum professor apareceu.

A vida dos estudantes do Novo Gama é a triste prova da diferença que existe entre as estatísticas de sucesso da educação básica e a vida real. É a prova de que a matrícula está longe de ser suficiente para garantir a formação dos jovens. Afinal, de que adianta ter quadro-negro, merenda e sala de aula se o professor não aparece? Ou se, quando ele vai, está cansado, infeliz e mal-preparado.

Já faz um mês desde o início das aulas no Colégio Estadual e a turma do 1º A ainda não aprendeu nada de história, biologia, filosofia e, até mesmo, educação física. Na maioria dos casos, os educadores simplesmente não foram à escola. A própria diretora, Isabel Gonçalves Araújo, admite a falta de comprometimento do corpo docente. "Para muitos isso aqui não passa de um bico", conta. "A sala de aula é, infelizmente, um extra no salário para complementar a renda de quem trabalha na prefeitura ou no DF".

Para piorar, a direção da escola fica de mãos atadas ao acompanhar o descaso dos educadores. "Sofremos o agravante de não sermos do DF e estarmos muito longe da Secretaria de Educação de Goiás. Mandamos ofícios alertando sobre a carência de professores, mas as respostas demoram", afirma Isabel. Além disso, os educadores estão sempre esperando coisa melhor do que dar aula no colégio. "Eles fazem concursos públicos, pedem empregos e torcem para ser chamados. Quando têm sucesso e precisam escolher entre a sala de aula e a oportunidade de ganhar mais, sempre saímos perdendo."

Com isso, a rotina, segundo denunciam os alunos, é bem diferente do que está no papel. Em vez das cinco aulas diárias e 25 semanais, a média é de três horários com professores por dia, ou seja, 15 a cada semana. Dessa forma, os alunos do Novo Gama não têm como concorrer por vagas no Programa de Avaliação Seriada (PAS) ou no vestibular das melhores universidades da região. "É o pacto da mediocridade. Os alunos fingem que aprendem, e a escola finge que ensina", alerta o senador Cristovam Buarque (PDT-DF), ex-ministro da Educação. "São situações assim que explicam jovens com diploma sem saber ler e fazer conta direito."

"Crescer na vida"

O resultado da falta de professores não poderia ser diferente. Os índices de desempenho da escola são baixíssimos se comparados com as notas nacionais, estaduais e municipais. A frequência é sofrível. A repetência e o abandono escolar, altíssimos. E quem pode culpar os estudantes? "Tem dias que eu nem me dou o trabalho de vir para a escola", admite Bruna Carolina, 17 anos. "Outro dia deixei de fazer o serviço de casa para assistir a aula porque eu quero crescer na vida. Esperei, esperei e não chegou ninguém para dar satisfação. Fui para casa enfadada com a falta de respeito."

Apesar de tão jovem, Bruna é cheia de responsabilidades. Ela é casada com Benildo que, aos 26 anos, trabalha em um restaurante no Plano Piloto. Benildo terminou o ensino médio e parou de estudar. "Ele teve que trazer dinheiro para casa. Eu posso fazer a diferença, posso passar no vestibular e fazer um curso superior", anima-se.

A melhor amiga de Bruna é Francielle Thaís, de 14 anos. A parceria das duas é fundamental para que elas continuem frequentando a escola. "Muitas vezes entram meninos mais velhos na nossa sala chamando a gente para fumar merla. A gente nunca foi e sempre conseguiu manter distância deles", conta. "Mas eu tenho um certo medo porque aqui não tem controle sobre quem entra e sai."

A observação da garota não poderia ser mais verdadeira. Não há nenhum segurança na porta da escola. O pessoal da direção tenta, quando dá, impedir o trânsito de estudantes de outros turnos, ex-alunos e jovens interessados em namorar ou fazer bagunça. "Aqui no Novo Gama não existe atividade de lazer e cultura para os adolescentes. Sem ter o que fazer, qualquer hora do dia eles correm para o nosso pátio para passar o tempo", observa José Pereira Ribeiro, funcionário e ex-diretor do colégio.

Outro problema está ligado ao próprio ambiente escolar que, apesar da tentativa de alguns alunos e da direção, nem de longe inspira confiança, aprendizado e educação. O cenário é de devastação. Do lado de fora, pichações nos muros. Nas salas de aula também. Muitas carteiras estão bambas. Outras, quebradas mesmo. O abandono estrutural chega até ao banheiro, sem torneiras e sujo, mesmo com o insistente trabalho das funcionárias da limpeza. "Os próprios alunos danificam a estrutura. Peço para que eles zelem pelo colégio como fazem em casa, mas não consigo sensibilizá-los", afirma a atual diretora.

Mas, onde está o professor?



A SALA DO 1º A COMEÇA A FICAR AINDA MAIS VAZIA APÓS O RECREIO. FRANCIELLE E BRUNA NÃO SE IMPORTAM COM A DESISTÊNCIA DOS COLEGAS: ELAS INSISTEM EM ESTUDAR E A PROFESSORA IRANI, EM ENSINAR MATEMÁTICA



Onde o salário só dura 10 dias

Nada justifica a falta dos professores, mas é necessário admitir que, no Brasil, dar aula pode ser um sacerdócio. Apesar de ensinar matemática, um dos maiores temores do 1º A do Colégio Estadual do Novo Gama, Irani Rodrigues Pereira de Sousa é a preferida da turma. Se for pela perseverança, o título é merecido. Com 17 anos de magistério, o salário da professora termina antes do décimo dia do mês. De acordo com a própria educadora, ela recebe R\$ 715 mensais e gasta R\$ 5 de ônibus e R\$ 10 de almoço diariamente. Ou seja, mais da metade do

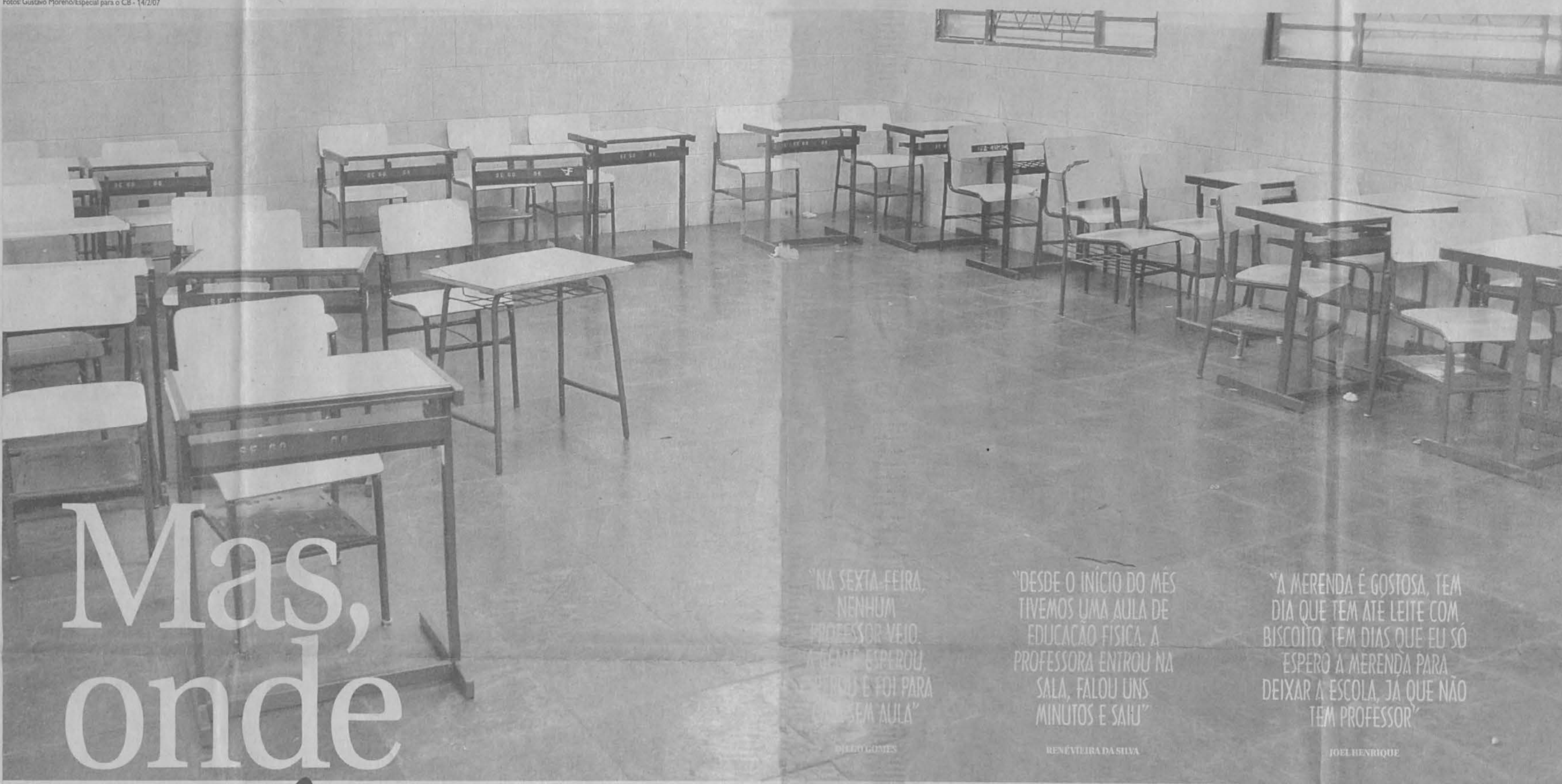
salário (R\$ 330) não resiste ao trabalho.

Isso sem falar no desgaste da professora todo dia para chegar à escola. Ela mora em Taguatinga e, todas as manhãs, é a primeira a chegar à sala dos professores, mesmo depois de uma hora e meia de condução. Irani é lembrada pelos alunos por dois motivos distintos e igualmente importantes: ela não falta e é muito paciente. "Antes de explicar cada matéria faço uma revisão do conteúdo de anos anteriores", conta. "É incrível como eles chegaram ao 1º ano do ensino médio com deficiências de aprendizado." Segundo Irani, as

maiores carências estão no conteúdo de 1ª a 4ª série do ensino fundamental.

Esforço da diretora, Isabel Gonçalves Araújo também recebe o reconhecimento dos alunos e pais, mesmo com a falta de professores e problemas da escola. A sala dela está tempo todo aberta para as reclamações, que são sempre muitas. "Hoje a gente não faz gestão sozinha e tento trazer tudo mundo para os debates para melhorar a escola", justifica. O esforço de Isabel rendeu a ampliação da biblioteca e um laboratório de biologia para o colégio.

Esta é a primeira de uma série de reportagens que o Correio vai publicar todo mês, até o final do ano, com os desafios do ensino público no DF e Entorno. A partir da realidade da sala de aula será feita a radiografia de um problema e de como ele se reflete no aprendizado de crianças e adolescentes. Não perca a segunda matéria da série, em 25 de março



"NA SEXTA-FEIRA, NENHUM PROFESSOR VEIO. A GENTE ESPEROU, ESPEROU E FOI PARA CASA SEM AULA"

BENILDO GOMES

"DESDE O INÍCIO DO MÊS TIVEMOS UMA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. A PROFESSORA ENTROU NA SALA, FALOU UNS MINUTOS E SAIU"

RENE VIEIRA DA SILVA

"A MERENDA É GOSTOSA, TEM DIA QUE TEM ATÉ LEITE COM BISCOITO. TEM DIAS QUE EU SÓ ESPERO A MERENDA PARA DEIXAR A ESCOLA. JA QUE NÃO TEM PROFESSOR"

JOEL HENRIQUE

ENTREVISTA

JUÇARA DUTRA VIEIRA, presidente do CNTE

"FALTAM RECURSOS PARA SALÁRIOS E FORMAÇÃO DOS DOCENTES"

A ausência de professores na sala de aula, mesmo quando seus nomes constam na grade horária de uma escola, não é problema exclusivo do Colégio Estadual do Novo Gama nem fenômeno atual. De acordo com a presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), Juçara Dutra Vieira, esse preocupante quadro começou a ser construído há mais de três décadas. "A ampliação do acesso não veio acompanhada da oferta de vagas para professores e qualificação", argumenta, em entrevista ao Correio. A saída, ela explica, não é nada simples. É necessário aporte de recursos para salários e formação dos educadores. "Atualmente é rotina o professor não ter mais salário no dia 15 do mês ou dar uma aula em cada canto para pagar as contas. E, quando não tem o vale-transporte, precisa escolher a qual escola ou turma vai."

Como chegamos a esse ponto tão crítico?

A gente não conseguiu profissionalizar os educadores. Não demos formação adequada nem salários decentes, capazes de permitir dedicação exclusiva. Hoje o quadro é comum: professores são itinerantes, têm pouca iniciativa e não conseguem atualizar o conteúdo.

Em que momento houve o descontrole da situação?

Nos últimos 30 anos houve um crescimento enorme das matrículas dos alunos na educação básica, principalmente no ensino fundamental. A ampliação do acesso, no entanto, não veio acompanhada da oferta de vagas para professores e qualificação. Com isso, não há professores disponíveis. É complexo demais principalmente porque o crescimento de alunos não veio acompanhado pelo aumento no investimento por parte dos governos federal, estadual e municipal. O quadro ficou tão crítico que hoje professores ganham menos e trabalham mais.

Houve queda no rendimento dos professores nesse período?

Exatamente. Na hora em que passamos a ver educadores contratados por hora-aula e não por dedicação, a situação degringolou. Atualmente é rotina o professor que já não tem mais salário no dia 15 do mês ou que dá uma aula em cada canto para pagar as contas. E, quando não tem o vale transporte, precisa escolher a qual escola ou turma vai.

E qual a solução?

Ela não é simples, como todas as decisões ligadas à educação. Mas passa por três fatores combinados. O primeiro é a garantia de recursos para o ensino independentemente de políticos e governos, o que já está perto de ocorrer com o Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb). Em seguida, é fundamental definir um piso salarial nacional para os professores que seja, no mínimo, digno. Nós reivindicamos R\$ 1.050 para professores habilitados em ensino médio e R\$ 1.575 para educadores com nível superior. Por fim, é preciso trabalhar com a formação dos professores que estão em sala de aula. Algo que seja feito de forma ampliada, e não apenas experiências isoladas. (EK)

Recordista em desistência escolar

Para quem acompanha a saga dos alunos do Colégio Estadual do Novo Gama (Ceng) por um futuro melhor, o quadro parece de total desesperança. Para alguns dos estudantes, o primeiro mês de aulas já foi suficiente para que entregassem os pontos. São 45 nomes na lista de matrícula do 1º A. No entanto, no dia em que o Correio esteve na classe, apenas 34 estavam assistindo à aula de física, no terceiro horário. Depois do recreio e da merenda, o número caiu para 22. Até o fim do ano, se nada for feito, a situação pode piorar. Apesar disso, os que chegaram ao ensino médio já podem ser considerados vitoriosos.

Os índices de desempenho dos alunos do Ceng no último ano do ensino fundamental mostram que muitos ficaram pelo caminho. Para se ter uma ideia, os números mais recentes do Ministério da Educação (MEC), de 2005, apontam para um abandono recorde dos estudantes da escola. Nada menos que 20,8% dos jovens desistiram a cada ano. A reprovação é de 7,5%. Na prática, isso quer dizer que, a cada 10 alunos matriculados, apenas sete passaram para o ensino médio. A evasão escolar no colégio é o dobro da média nacional. Outros índices ajudam a explicar os problemas. Os alunos têm menos horas-aula do que a média do estado e do país. A distorção idade-série — quando a idade não é adequada para a série que a criança ou adolescente está cursando — é 53% maior que a média nacional.

No 1º A, por exemplo, dos 34 alunos que insistem em frequentar a escola apesar de todas as dificuldades, apenas 17 têm entre 14 e 15 anos, idade considerada ideal para o início do ensino médio. Quando a reportagem esteve na sala de aula, pediu para que os alunos que já foram reprovados em alguma série nos nove anos de vida escolar levantassem a mão. A princípio, apenas três tiveram coragem de se identificar. Aos poucos, depois de alguma brincadeira entre eles, outros resolveram se manifestar. Mais da metade da turma ficou com o braço erguido.

"O importante é não desistir", afirma João Robert. "Eu fui reprovado na quinta série. Mas sei que sou bom aluno. Sou estudioso e quero dar certo. É por isso que eu insisto e venho todos os dias." Aos 16



JOÃO ROBERT ESFORÇA-SE PARA SER VETERINÁRIO UM DIA

anos, o garoto sonha em ser veterinário para cuidar de cachorros. "Eu tinha uma cadela chamada Pink. Ela morreu e eu sofri demais porque não consegui evitar", lamenta. João Robert mora com o pai, que é vigia no Plano Piloto, a madrastra e a irmã caçula, de apenas 3 meses. Ele gosta de estudar ouvindo Eminem, rapper norte-americano que faz sucesso com músicas em que faz apologia à violência. "Minha matéria preferida é inglês. Quero entender o que as músicas dizem e sei que sem uma língua estrangeira é difícil crescer na carreira."

Como é de família pobre, a única saída é conseguir vagas gratuitas na universidade, ou seja, entrar na Universidade de Brasília (UnB), uma das mais concorridas do país, ou conquistar uma bolsa no programa Universidade para Todos (ProUni) do governo federal. O problema é que o programa do MEC exige nota mínima de 45 pontos no Exame Nacional do Ensino Médio. A escola teve, no último Enem, divulgado no mês passado, apenas 35,8, em 100, na soma das médias da prova objetiva e da redação. O número está quase 20% abaixo da média nacional.